



Ateliê de História



Palavras - chave:
História do Paraná; Bioma
Mata Atlântica; História
Ambiental; Viajantes.

Resumo: Esta pesquisa tem por intento compreender como os fatores bióticos e abióticos da porção do Bioma Mata Atlântica pertencente ao território paranaense, eram descritos e analisados nos relatos de viagens de Nestor Borba, José Cândido da Silva Muricy e Jayme Ballão. As viagens se deram entre os anos de 1875 a 1920. O estudo desse material frisa as seguintes questões: compreender quem eram esses sujeitos selecionados e o que os motivou a viajar e relatar suas viagens; como as características do bioma aparecem em seus relatos; e que sentimentos, imaginários, percepções e/ou discussões essa interação suscitou. Como base teórica e metodológica, este trabalho dialoga com pensadores da história ambiental.

PROJETO DE PESQUISA

OS VIAJANTES E A MATA ATLÂNTICA

NO PARANÁ: DIFERENTES PERCEPÇÕES DE UM BIOMA (1875– 1920)

Tayná Gruber ¹
Alessandra Izabel de Carvalho ²
Christian Brannstrom ³

INTRODUÇÃO

Tratar do Paraná nos séculos XIX e XX é versar sobre um ideal republicano de progresso que atingia, em diferentes proporções e modos, o território nacional como um todo. Como em outros países considerados zonas periféricas da época, o Brasil sonhava em atingir os padrões da revolução científico-tecnológica de países como França, Alemanha e Estados Unidos. Segundo Fernanda Cruzetta, “o Brasil não possuía um aparato tecnológico e econômico para produzir uma revolução industrial aos moldes europeu e norte-americano” e, por isso, tentou criar condições e assimilar leis e hábitos para se modernizar. Entre as atitudes tomadas, a autora elenca “a adoção de práticas econômicas liberais, a abolição do trabalho escravo, a imposição de padrões higienistas e educacionais inspirados em modelos europeus [...]. Pode-se ainda incluir nesse conjunto de ações modernizantes a Proclamação da República” (CRUZETTA, 2010, p. 5 – 6).

A esses elementos podemos somar as implantações e expansões das estradas de ferro, a ampliação de redes de cabos telegráficos, a urbanização crescente, a migração, a exploração de novas fontes de energia e o desenvolvimento das indústrias de bens de capital (MURARI, 2002, p. 11-12) Esse mundo de valores burgueses em mudança é assim descrita por Marx:

É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com o seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar. (apud HALL, 2005, p.14)

O Paraná apresentava nesse período, como contribuição a esse ideal de progresso, primordialmente o cultivo de erva mate, a extração de madeira e a produção de gado. Reconhecido no século XVIII pelas suas rotas de muares dos caminhos dos tropeiros e por ser local para invernada das tropas, no século XIX teve esse fluxo mais centralizado na região dos Campos Gerais, que já não atuavam somente como ponto de invernada, mas também de comér-

¹ Mestre no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, matriculada na linha de pesquisa: Discursos, representações: produção de sentidos. Email: taygruber@hotmail.com

² Orientadora. Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professora adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em História e do Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado).

³ Co-orientador. Doutor em Geography - University of Wisconsin - Madison (1998). Atualmente é Professor - Texas A&M University System. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia da Energia e Geografia Histórica.

cio (GRUBER, 2016). É também no século XIX que advém às linhas férreas para cá, e com elas todo o fluxo de matérias-primas, de transporte de muares, de trânsito de pessoas é modificado. Assim como a paisagem. Se o Brasil passava a ter o que Süsselkind define como “paisagem tecno-industrial em formação” (SÜSSEKIND, 1987) significa que toda a paisagem anterior estava sucumbindo a essa nova.

Warren Dean em seu livro *A Ferro e Fogo* nos oferece perspectivas de qual era a paisagem natural, no caso, que aos poucos estava sendo substituída. Segundo este autor, com a expansão das áreas para agricultura e pecuária, com o aumento das cidades e de sua necessidade por madeira e carvão, foram intensificadas as formas já tradicionais da exploração da floresta e acrescenta que, “simultaneamente esses processos, incentivavam a difusão da exploração tradicional por áreas muito mais amplas, para substituir recursos próximos aos centros de produção para exportação e de urbanização” (DEAN, 2004). Ou seja, além dos espaços já tradicionalmente conhecidos para exploração ou plantio, agora existia a necessidade de ampliação.

É válido salientar que as relações com o mundo natural nos séculos XIX e XX no Brasil não eram homogêneas. Desde o final do século XVIII, segundo José Augusto Pádua, grupos de estudantes brasileiros ligados a Universidade de Coimbra, já iniciavam reflexões sistemáticas sobre o uso das florestas no Brasil. Entre os que escreviam sobre o tema, o autor salienta as discussões de José Vieira Couto, que “começou a formular críticas ao caráter rudimentar e predatório da economia colonial” (PÁDUA, 2004, p. 17) embasados em um “Iluminismo Luso-Brasileiro” que “não defendiam a natureza por seu valor estético ou espiritual” (Ibidem), mas sim por seu valor político e econômico. Ainda segundo Pádua, essas discussões se desdobraram tanto para o século XIX tanto para o XX, sendo reforçadas por novas perspectivas e questões mais contemporâneas. Apesar dessas críticas, é apenas em 1934 que o país teve sua primeira lei florestal abrangente e tal demora se deu, entre outros fatores, devido “ao mito da natureza inesgotável” (Ibidem, p. 16) que favorecia o uso incauto da floresta.

Fazendo um retorno à contemporaneidade, os dados do Ministério do Meio Ambiente há muito tempo vêm mostrando que nada há de inesgotável em nossas florestas. O bioma Mata Atlântica, que abrange grande parte do território paranaense,

conta com apenas 22% de sua cobertura original no país, segundo os dados de Ministério do Meio Ambiente,⁴ e 12,5%, de acordo com o último levantamento realizado pela Fundação SOS Mata Atlântica e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). (Ibidem, p. 16)

Bioma, segundo o IBGE, é um conjunto de vida, que pode ser vegetal ou animal, caracterizada pelo agrupamento de tipos de vegetação próximas e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história compartilhada de mudanças, resultando em uma diversidade biológica própria. A divisão atual dos biomas brasileiros podem ser visto no Mapa I.

Mapa I : Mapa dos biomas do Brasil



Fonte: Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-territorio/biomas.html>> Acessado em 15/03/2017

A partir dos pressupostos da história ambiental, que nos contempla com a abertura de possibilidades de análise das relações entre sociedades humanas e natureza, das discussões recentes sobre a devastação do bioma Mata Atlântica, e nos questionando sobre como teria sido a interação no passado das pessoas com esta porção do mundo natural, em específico no território paraense, este projeto busca investigar, através de três relatos selecionados de viajantes brasileiros que por ali passaram entre o final do século XIX e início do século XX, quais

4 Dados disponíveis em: <<http://www.mma.gov.br/biomas/mata-atlantica>>. Acessado em 15/03/2016.

questionamentos, sensações e impressões tal vivência suscitava.

Quando mencionamos analisar uma relação entre dois conjuntos, ou seja, seres humanos e um ambiente específico com características bióticas (que são aquelas geradas por seres vivos) e abióticas (que se refere às características físico-químicas do ambiente) que dividem o mesmo espaço e que se modificam mutuamente, estamos nos dispondo a analisar experiências. Concordamos com Maturana quando ele expressa que:

A experiência de qualquer coisa “lá fora” é validada de modo especial pela estrutura humana, que toma possível “à coisa” que surge na descrição. Tal circularidade, tal encadeamento entre ação e experiência, tal inseparabilidade entre ser de uma maneira particular e como mundo nos parece ser, indica que todo ato de conhecer produz um mundo (MATURANA, 1995, p. 68)

Para tanto, elencamos um conjunto de três fontes principais. Todas as fontes foram elaboradas por sujeitos que fizeram suas viagens motivados por suas ocupações profissionais, e se diferenciam de um viajante para outro. Acreditamos que essa variedade será importante para analisar as também múltiplas experiências com o bioma, os diferentes interesses e interações que cada tipo de trabalho oferecia a e requeria desses sujeitos.

OBJETIVO GERAL:

Analizar como foi narrada a interação desses viajantes brasileiros, dos séculos XIX e XX, com parte do Bioma Mata Atlântica presente no território do Paraná. Buscar compreender os artifícios de linguagem utilizados para descrever em seus relatórios de viagens os fatores não humanos específicos deste bioma. Mapear os sentimentos descritos durante as viagens.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Investigar quem são os sujeitos elencados para análise e quais as motivações de suas viagens, buscando mapear seus locais sociais e suas necessidades de produzirem as narrativas sobre o bioma;

- Analisar através da historiografia quais eram as discussões em voga sobre a natureza no século XIX e XX;

- Analisar quais características do bioma Mata

Atlântica os viajantes selecionados descreveram e quais sentimentos, imaginários, percepções ou discussões esta relação suscitava;

- Analisar as mudanças e permanências nas descrições, percepções e discussões das características do bioma Mata Atlântica, conforme os relatos se alteram.

METODOLOGIA

Na historiografia, a interação entre seres humanos e natureza passou a ser discutida com mais propriedade na década de 1970, juntamente com as conferências sobre as crises globais e com os movimentos ambientalistas, instituindo o campo de pesquisa da história ambiental. Mas é fato que o debate já persuadia estudiosos e pessoas comuns há muito mais tempo.

Um dos primeiros a definir este campo e trazer o ambiente como algo além de apenas palco onde a história humana aconteceria foi Roderik Nash. O autor defendia através de seu ensaio denominado *The state of environmental history, [A situação da história ambiental]* (NASH, 1970, p. 249-260) que toda a paisagem ao nosso redor era uma forma de fonte para a escrita da história.

Na França, posteriormente a criação da Escola dos Annales que se deu em 1920, diversas novas questões e olhares foram inseridos na pesquisa histórica, houve uma aproximação com demais campos do saber, tais como: sociologia, psicologia, linguística, geografia, etc., e diversas das barreiras teóricas que a prendiam na historiografia tradicional foram gradualmente repensadas.

No que diz respeito a aproximações da história tendo o ambiente físico como sujeito de análise, uma das obras de maior referência foi *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II* (BRAUDEL, 1984). Nesta obra o autor aborda o ambiente como sendo parte constitutiva da história, porém com uma temporalidade de mudanças diferentes, sendo classificada como uma estrutura de grande duração e lentas mudanças, ficando afastado dos homens. Conforme se institui o campo de pesquisa da relação humana com o meio, essa visão acaba sendo revista e os estudos começam a inserir os sujeitos históricos como parte da natureza, e não mais como algo isolado.

Sobre a definição do que seria a história ambiental, Donald Worster escreve a seguinte síntese:

A história ambiental é, em resumo, parte de um esforço revisionista para tornar a disciplina da história muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Acima de tudo, a história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e ‘supernatural’, de que as consequências ecológicas dos seus feitos podem ser ignoradas (WORSTER, 1991, p. 199).

Partindo destes pressupostos, consideramos importante ter uma metodologia que aproxime a historicidade dos estudos feitos até o momento sobre a interação do ser humano com o mundo biofísico e os relatos de viagens sobre o bioma da Mata Atlântica, tendo por objetivo, como já especificado, compreender os sentidos que esses sujeitos produziram a partir dessas interações. Trata-se de um desafio certamente, pois como podemos notar por estudos como o do autor Keith Thomas em *O homem e o mundo natural*, nossa compreensão da natureza nada tem de inata, ao contrário, ela é historicamente construída, modificada e ressignificada. Para esta pesquisa devemos considerar ainda que a forma como os viajantes narraram essa porção do mundo natural é indicativa também da sua cosmovisão e de suas próprias identidades, isso porque, como afirma Thomas, “é impossível desmaranhá-lo que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas” (THOMAS, 1988, p. 19).

Além dos estudos dos autores ligados à história ambiental, para o melhor entendimento do bioma será necessário o diálogo com outros campos do conhecimento. Concordamos com Regina Horta Duarte quando ela postula que “uma das barreiras à expansão do conhecimento, na atualidade, tem sido a excessiva especialização dos profissionais das várias áreas e a hiperfragmentação do saber” (DUARTE, 2009, p. 936) e, que “o novo milênio demanda ‘passarelas’ permanentes entre saberes particulares, na construção do conhecimento” (DUARTE, 2009, p. 937). Portanto, para esta pesquisa o suporte bibliográfico de áreas como biologia, geologia, zoologia, por exemplo, serão fundamentais, ainda que essa interface caracterize ao mesmo tempo um desafio, pois como relata Worster, muitas vezes estas se configuram como ‘novas linguagens’ ao historiador:

O historiador ambiental, além de fazer algumas perguntas novas, precisa aprender a falar algumas línguas novas. Sem dúvida, a mais estranha dessas línguas é a dos cientistas naturais. Cheia de números, leis, terminologias e experiências, essa língua é tão estranha para o historiador quanto o chinês foi para Marco Polo. (WORSTER, op. cit., p. 202)

Além dessas referências, nos aproximaremos também do debate historiográfico existente para a compreensão de um outro conceito chave do projeto: viajantes. Para os dicionários em geral, viajante é simplesmente aquele que viaja, segundo Dárcio Rundvalt, a palavra viajantes “nos soa plena, parece capaz de englobar em uma única categoria toda uma miríade de indivíduos, projetos e objetivos” (RUNDVALT, p. 21) mas, como o próprio autor salienta, isso destoa da realidade. Na verdade, cada sujeito locomove-se de um lugar a outro com objetivos, aspirações e percepções distintas.

Se viajar nunca é igual e varia conforme o viajante, o primeiro pressuposto do qual partiremos é que toda viagem se por um lado não é ensimesmada, por outro, é um evento único, circunscrito dentro de um momento que a promove, de um acontecimento que gera a ação de viajar. O viajante, dentro desse cenário, não é só aquele que percorre um trajeto, mas aquele que dentro de suas decisões objetivas e subjetivas cria a viagem, lhe atribui sentidos e valores.

Neste sentido, pretendemos usar a metodologia proposta por Pádua de construir uma tipologia diferenciada quanto à formação e objetivos de cada viajante, ressaltando as aproximações e distanciamentos. Sobre como fazer as diferenciações o autor argumenta:

É possível diferenciá-los, por exemplo, segundo sua base profissional – naturalistas, artistas, técnicos, professores, diplomatas, militares, marinheiros, negociantes etc. Pode-se também distinguir as iniciativas individuais – como a viagem de Maximilian de Wied-Newied, em 1815 – das missões coletivas previamente negociadas, como a Missão Austríaca de 1817, organizada para acompanhar a comitiva da princesa Leopoldina em seu casamento com o príncipe herdeiro português. Uma leitura mais detalhada poderia examinar o peso dessas diferenças de condição profissional e institucional no tipo de representação da paisagem local feita por cada viajante (PÁDUA, 2009, p. 6).

Esses três pontos de fundação teórico-metodológicos nos parecem os primordiais para o momento, mas sabemos que a pesquisa histórica nos revela, a cada contato com as fontes, novas possibilidades e, com isso, nos desafia a trilhar outros caminhos e buscar outras leituras para um aprofundamento da reflexão.

FONTES

A fim de traçar alguns esboços sobre essas relações dos homens com o bioma da Mata Atlântica, buscamos fontes que trouxessem uma versão de viajantes sobre esse ambiente. As fontes são descrições de viagens. As obras fazem parte do acervo da Biblioteca Pública Paranaense.

O conjunto documental levantado constitui-se de três fontes principais. O critério para a criação do conjunto de fontes principais foi de que os relatos deveriam ser escritos por viajantes brasileiros e que estivessem viajando pelo território paranaense. Como já citado na introdução, esse recorte das fontes se deve ao objetivo desse projeto, que é entender como o bioma aparece nas descrições de viagens desses sujeitos que o atravessaram e que tinha como primeiro ponto em comum a nacionalidade brasileira.

Em uma pesquisa na historiografia atual podemos notar que esse não é um recorte de fontes usual. Mesmo os trabalhos que se aproximam dessa temática, como o do Luciano D. B. Lima, que trata das relações dos viajantes com a biótica da urbe amazônica no século XIX (LIMA, 2016), acaba-se por privilegiar no corpo documental os relatos de europeus. O mesmo acontece em diversos outros trabalhos, com os mais variados enfoques que analisam o mesmo período. Seja para tratar da exploração dos rios Amazonas e Madeiras no Brasil Império,⁵ a relação entre ciência e natureza,⁶ ou os sertões e os mestiços,⁷ o conjunto de fontes acaba por privilegiar o olhar do estrangeiro sobre o território nacional.

Quando se trata da historiografia paranaense os resultados não são muito diferentes. Os trabalhos que tem como recorte temporal o século XIX ou início do XX tendem a usar relatos dos naturalistas europeus para falar das paisagens e dos sujeitos, sendo os autores mais comumente explorados Auguste de Saint-Hilaire⁸ e Thomás P. Bigg-Whitter (BONNICI, 2012). Salienta-se nesse sentido que muitos optam por um conjunto documental misto, usando tanto esses relatos de estrangeiros quanto alguns relatos

nacionais. Alguns exemplos são os trabalhos João A. Reque (2000), que trata da dicotomia entre a civilização e barbárie no território paranaense no século XIX, e usa tanto os relatos dos dois naturalistas anteriormente citados quanto documentos oficiais da Província do Paraná em seu conjunto de fontes, e a dissertação de mestrado de Dárcio Rundvalt,⁹ que trata das paisagens dos Campos Gerais, no Paraná, e utiliza tanto dos relatos de Saint-Hilaire e Bigg-Whitter, quanto do brasileiro Visconde de Taunay.

Concordamos que essas são visões válidas e pertinentes, e também sabemos que em números os relatos de naturalistas europeus no século XIX são vastos e talvez mais famosos que os escritos por brasileiros no mesmo período, mas acreditamos que usar um conjunto de fontes que priorizem o olhar desses sujeitos que estavam dentro do Paraná, pensando-os a partir de sua cultura e de seu contexto sócio-político, pode trazer novas contribuições para a historiografia.

Para tanto, a primeira descrição de viagem utilizada, e que integra o conjunto de fontes principais, é do Capitão Nestor Borba, realizada na companhia de seu irmão Telêmaco Borba saindo da cidade de Curitiba e indo até as Sete Quedas em Foz do Iguaçu. A viagem ocorre entre o final de 1875 e início de 1876. O objetivo central da viagem foi colher informações sobre as Sete Quedas, tendo o incentivo do então presidente da província do Paraná, Adolpho Lamenha Lins. Borba levou materiais como pantômetro¹⁰ para essa sua expedição, visto que o objetivo também era colher informações da geografia paranaense, assim como da flora e fauna. Trata das paisagens e das caçadas. Eles percorreram por terra, o trecho entre Curitiba e a colônia do Jataí, às margens do rio Tibagi, e a partir daí de canoa pelos rios Tibagi, Paranapanema e Paraná, até as quedas. Tal relato está disponível na obra *Monumenta: Relatos de viagem à Guaíra e Foz do Iguaçu*. (BERBERI, 1999, p. 11-45).

A segunda descrição de viagem que se pretende usar como fonte principal é a do Tenente José Cândido da Silva Muricy, feita em 1892, que teve

5 VERGARA, Moema de R. A Exploração dos rios Amazonas e Madeira no Império Brasileiro por Franz Keller-Leuzinger: imprensa e nação. Almanack. Guarulhos, n.06, p.81-94, 2013.

6 BARBOZA, Christina H. da Motta. Ciência e natureza nas expedições astronômicas para o Brasil (1850-1920). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 5, n. 2, p. 273-294, 2010.

7 MIRANDA, Luiz F. A. O Deserto dos Mestiços: O Sertão e seus Habitantes nos relatos de viagem do início do Século XIX. Revista História, v. 22, n. 2, p. 621 – 643, 2009.

8 PEREIRA, Marco A. M. IEGELSKI, Francine. O paraíso terrestre no Brasil: Os Campos Gerais do Paraná no relato de Auguste de Saint-Hilaire. Revista de História Regional, v. 7, n.1, p. 47-72, 2002.

9 RUNDVALT, op. cit.

10 Instrumento que serve para medir ângulos em terrenos e traçar perpendiculares

como origem Guarapuava e como ponto de chegada a tríplice fronteira. Muricy, assim como os demais desse conjunto documental, faz o trajeto motivado pelo seu ofício. Ele trabalhava nesse período na Comissão Estratégica do Paraná e sua empreitada se deu com o objetivo de fiscalizar a picada¹¹ aberta entre Guarapuava e a Colônia Militar de Foz do Iguaçu. Em seu relato trata dos sentimentos diante da mata, salienta a necessidade de uso destes espaços e as dificuldades de se transitar naqueles espaços. Assim como o primeiro relato, este também está publicado na obra *Monumenta*. (BERBERI; DENIPOTI, op. cit., p. 45-87).

A terceira descrição de viagem selecionada é a que Jayme Ballão, advogado paranaense, fez a pedido do Presidente da Província do Paraná e na companhia de outros repórteres e políticos, realizada para Foz do Iguaçu em 1920. A principal diferença dessa viagem, e que a torna ainda mais relevante para o conjunto que integra, é que essa viagem foi feita em automóveis. Apesar do foco estar primordialmente nas questões políticas, Ballão relata as es-

tradas, exalta a natureza paranaense e descreve a travessia do rio Paraná e as vistas das Cataratas. Tal relato foi publicado em formato de livro já em 1921, com o título *A Foz do Iguaçu e as Cataractas do Iguaçu e do Paraná (descrição de viagem)*. (BALLÃO, 1921).

Mesmo acreditando ser este conjunto de fontes suficiente para cumprir os objetivos propostos, é intenção deste projeto buscar outras leituras e fontes que possam contribuir para a análise. Também é necessário esclarecer que não temos a pretensão de exaurir o tema ou ainda a temporalidade que abordamos, mas tentar compreender uma parte deste passado a partir dos vestígios que encontramos. Afinal, como nos lembra Droyzen: “Os dados da pesquisa histórica não são as coisas passadas (porque essas coisas são do passado), mas o que ainda está preservado no aqui-e-agora, sejam lembranças do que e aconteceu, sejam vestígios do que foi e chegou de outrora” (DROYSEN, 2009) e é a partir desse pressuposto que tentaremos olhar para a relação entre estes homens e o Bioma Mata Atlântica.

CRONOGRAMA

Descrição de atividades Período: 08/2016 a 06/2017	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Créditos das disciplinas	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X
Leituras para fundamentação teórica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Busca por mais fontes					X	X	X	X	X	X	X
Estágio Supervisionado/ Regência							X	X	X	X	X
Orientação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Texto da dissertação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Descrição de atividades Período: 07/2017 a 07/2018	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Créditos das disciplinas	X												
Leituras para fundamentação teórica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Orientação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Texto da dissertação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Qualificação							X						
Defesa													X

11 Nos relatos o termo picada aparece para designar trajetos abertos no meio da mata. Geralmente estreitas, precisavam de constates cuidados para não serem obstruídas.

REFÉRENCIAS:

- BALLÃO, Jayme. **A Foz do Iguaçu e as Cataratas do Iguaçu e do Paraná (descrição de viagem)**. Curitiba: Typographia d'A República, 1921.
- BARBOZA, Christina H. da Motta. **Ciência e natureza nas expedições astronômicas para o Brasil (1850-1920)**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 5, n. 2, p. 273-294, 2010.
- BERBERI, Elizabete. DENIPOTI, Cláudio. (Org.) **Monumenta: Relatos de viagem à Guaíra e Foz do Iguaçu**. Curitiba: Tetravento, I v, n. 4, 1999.
- BONNICI, Thomás. **Ecocrítica e pós-colonialismo: o fitar de Bigg-Wither na Floresta Atlântica do Paraná**. Intersimiose, ano I, n. 2, p. 171 -184, 2012.
- BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II**. 2 vols. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- CRUZETTA, Fernanda Carolina. **Rememorações da cidade de Curitiba: visões de progresso nas décadas iniciais do século XX**. Curitiba, UFPR, 2010.
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de teoria da história**. Vozes. Rio de Janeiro, 2009.
- DUARTE, Regina Horta. **História e biologia: diálogos possíveis, distâncias necessárias**. Maguinhos: História, Ciência e Saúde. Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 927-940, 2009.
- GRUBER, Tayná. CARVALHO, Alessandra Izabel de. **Entre mio-mios e embiras: Homens e animais no caminho das tropas**. 2016. 54 p. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- LIMA, Luciano D. B. **Belém e o mundo natural: olhares de viajantes sobre plantas e animais na urbe amazônica (1840-1860)**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 11, n. 2, p. 505-519, 2016.
- MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano**. Campinas: Psy, 1995.
- MIRANDA, Luiz F. A. **O Deserto dos Mestiços: O Sertão e seus Habitantes nos relatos de viagem do início do Século XIX**. Revista História, v. 22, n. 2, p. 621 – 643, 2009.
- MURARI, Luciana. **Tudo mais é paisagem: Representações da natureza na cultura brasileira**. São Paulo, USP, 2002.
- NASH Roderik. **The state of environmental history**. In: Herbert J. Bass, ed. **The state of American history** (Chicago, Quadrangle Press, 1970).
- PÁDUA, José Augusto. **Defensores da Mata Atlântica no Brasil colônia**. Revista Nossa História. Abril de 2004.
- . Natureza e sociedade no Brasil monárquico**. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Império**, Vol. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- PEREIRA, Marco A. M. IEGELSKI, Francine. **O paraíso terrestre no Brasil: Os Campos Gerais do Paraná no relato de Auguste de Saint-Hilaire**. Revista de História Regional, v. 7, n.1, p. 47-72, 2002.
- REQUE, João A. **Civilização e barbárie no território paranaense: (1820-1875)**. 2000. 52 p. Monografia (História) – Universidade Federal do Paraná.
- RUNDVALT, Dárcio. **Para além do cenário, do palco ou do pitoresco: a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem do século XIX —Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. Bigg-Wither e Visconde de Taunay**. Disponível em: <http://bisen-tede.uepg.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=1&id=1403> Data de acesso: 30/01/2017, p. 22.
- SALTURI, Luis Afonso. **Paranismo, movimento artístico do sul do Brasil no início do século XX**. In:

Revista de Recerca y Formació en Antropología. V.II, 2009.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras:** literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

THOMAS, Keith. **O Homem e o mundo natural.** São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

VERGARA, Moema de R. **A Exploração dos rios Amazonas e Madeira no Império Brasileiro por Franz Keller-Leuzinger: imprensa e nação.** Almanack. Guarulhos, n.06, p.81-94, 2013.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. In: **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, nº. 8. 1991.